

POPULISMO REVISITADO

Muitas vezes na política e nos movimentos ideológicos em geral o que reluz é ouro: a própria aparência organiza movimentos sociais díspares que sem ela não conseguiriam se imbricar e entender. Nos últimos tempos o Brasil assiste ao ressurgimento de técnicas populistas de mobilização social. Leonel Brizola passeia seu caudilhismo pelas ruas do Rio de Janeiro como se fosse o próprio povo cuidando de si mesmo. Paulo Maluf semeia aos quatro ventos seu sorriso pseudovitorioso como se a especulação e a malandragem urbana conduzissem aos píncaros do sucesso e do reconhecimento social. A cada passo Jânio Quadros encena uma situação limite para marcar a diferença radical entre as condições miseráveis do povo e a boa vida dos políticos. Até mesmo Eduardo Suplicy passa a praticar esporte com esportistas profissionais e a tomar ônibus como um trabalhador qualquer. E o prefeito Mário Covas dedica parte de sua administração assentando guias e carregando pedras. Como nos tempos dos estados teológicos o rei corta as primícias da colheita, reivindicando o início dum trabalho simbólico para deixar aos outros o duro trabalho do cotidiano. Interessante é que se articula assim uma relação icônica entre o representante e o representado, como se ser político fosse assumir uma posição de isomorfia com o representado.

Algo de semelhante também ressurgiu no domínio da cultura. As novelas descobrem o popular, fala-se numa espécie de ressurgimento dos ideais do CPC (Centro Popular de Cultura). E, sobretudo, nas universidades questiona-se a sua reforma como se o poder acadêmico fosse isomórfico ao poder político, como se a busca de democratização fosse a reapropriação das dimensões da cidadania.

Este neopopulismo, entretanto, nada mais seria do que a repetição, em tom de farsa, duma experiência passada e revolvida? Será que se retoma, depois de mais de uma década, uma experiência que começou em 1968 e foi encruada pela repressão? Na verdade, tudo isso reaparece, mas importa que essa repetição se faça num contexto diferente, de sorte que as propostas antigas são repostas noutro jogo cultural.

Por muitas formas se experiencia hoje que as estruturas ideológicas vigentes estão deslocadas duma sociedade civil que, nesses últimos anos, se transformou profundamente, convertendo-se numa sociedade de massa. Se o povo, de fato, ressurgiu na arena cultural e política, ele o faz de modo muito peculiar, agora mais do ponto de vista do consumo do que do trabalho, mais do ponto de vista da corporação do que da classe. Na primeira fase do populismo, as demandas populares, ao chocar-se com uma oligarquia resistente e opaca, conseguiram forçar a um estado de compromisso. Hoje em dia essas demandas, basicamente de emprego e qualificação de consumo, se defrontam com os interesses de burguesias semi-internacionalizadas que nada querem ceder pois se acostumaram a gozar de altos lucros e a explorar um mercado de trabalho miserável, herdado do próprio populismo tradicional. Além do mais, encalcraram-se com as dificuldades da dívida externa, e com elas o estado que configuraram. Um novo estado de compromisso implicaria uma reorganização profunda da própria sociedade civil e novo tipo de relacionamento com o capital internacional.

Segue-se daí a tendência de mudar no acessório para não mudar no essencial. O novo arco reacionário que se arma do norte ao sul do país visa a manutenção do *status quo*. Por isso o neopopulismo é apenas cosmético, sem qualquer função educativa. O CPC, por exemplo, nasceu do movimento estudantil para dialogar com as massas, tratando então de vincular novos conceitos e novos padrões de gosto e de comportamento. O neopopulismo é meramente repetitivo e iconográfico, faz parte da representação do ato de substituir a situação miserável por uma encenação demagógica onde o problema real foi escondido. Agarra-se à aparência para que o próprio movimento desta não leve ao fundo. Por isso vem, em última instância, reprimir qualquer processo efetivo de representação analítica que desarticula para encenar noutro plano os problemas efetivos em vista duma solução possível. Trata-se dum movimento pelo qual classes dominantes poderosas mas sem futuro se esforçam para recuperar uma hegemonia que tinham perdido por uns tempos. A nós cabe impedir essa nova mistificação.